

Carta-convite

Psicanálise em chamadas

*E do amor gritou-se o escândalo
Do medo criou-se o trágico
No rosto pintou-se o pálido
E não rolou uma lágrima
Nem uma lástima
Pra socorrer*

*E na gente deu o hábito
De caminhar pelas trevas
De murmurar entre as pregas
De tirar leite das pedras
De ver o tempo correr ...*

*Numa enchente amazônica
Numa explosão atlântica
E a multidão vindo em pânico
E a multidão vindo atônita
Ainda que tarde o
O seu despertar*

CHICO BUARQUE, “Rosa dos ventos”

O tempo urge, acelerado, o atraso, a defasagem, não há tempo a perder. A exigência de rapidez, o estupor, o assombro estão por aí: no contexto social e político, na clínica, e nas próprias vivências como cidadãos e cidadãs do nosso tempo. Algumas vezes é o paciente quem traz uma urgência em forma de demanda (ou seria uma demanda em forma de urgência?); noutras é o psicanalista quem percebe a necessidade de correr atrás de algo que ainda não compreende suficientemente bem.

Não é fácil estar diante de um acontecimento histórico (pessoal ou cultural), no olho do furacão, e ao mesmo tempo ter alguma consciência do que está em jogo nele. Há sempre um atraso, um delay, sobretudo se encaramos o acontecimento como algo realmente novo e evitamos enquadrá-lo em uma teoria já conhecida. Saber habitar essa defasagem temporal – em que as vivências aos poucos se transformam em experiência (Benjamin, 1994) – resume boa parte do trabalho analítico. “O tempo está fora do eixo”, dizia Hamlet, “pobre de mim que nasci para pô-lo em seu lugar” (Shakespeare, c. 1600/2021, ato 1, cena 5).

Sustentar o não saber, ouvir cada paciente em sua singularidade, requer uma reserva e pressupõe uma certa confiança no processo, num après-coup.

Mas muitas das novas e instigantes perguntas que surgem na clínica contêm um grau de sofrimento ou gravidade que clama por uma resposta urgente. As temporalidades são múltiplas, sabemos. São complexas, não homogêneas. O tempo da urgência tem características específicas, próprias das crises e emergências, e se relaciona aos outros tempos. A chama que queima convoca e ameaça algo que pode não se salvar se não pensado a tempo.

Como trabalha o analista quando estamos sob o imperativo do atual e a premência dos acontecimentos pede uma posição imediata?

Frente ao despreparo, as novas respostas precisam ser construídas ao caminhar. Numa carta para Jung, Freud cita Goethe: “Estás então aliado ao Diabo e ainda queres te poupar ao fogo?” (McGuire, 1976, p. 261). Pois bem, poupar-se ao fogo não é uma opção analítica. O que fazer então em meio às chamas?

Quais questões põem a psicanálise no fogo e o psicanalista a trabalhar em apuros? Quais são as crises que envolvem a psicanálise, põem fogo no teatro (Freud, 1915/2010), e lançam-na a caminhar em novas direções? E como pensar o psicanalista pressionado pelo tempo da urgência?

Os trabalhos com essa temática deverão ser entregues para avaliação até o dia 2 de abril de 2025 e serão recebidos exclusivamente pelo email: rbp@rbp.org.br. As orientações para a submissão de artigos encontram-se em nossa página eletrônica: www.rbp.org.br.

Referências

- Benjamin, W. (1994). *Magia e técnica, arte e política* (S. P. Rouanet, Trad.). Brasiliense.
- Freud, S. (2010). Observações sobre o amor de transferência. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 10, pp. 210-228). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- McGuire, W. (Org.). (1976). *Freud-Jung: correspondência completa* (L. Fróes & E. M. Souza, Trans.). Imago.
- Shakespeare, W. (2021). Hamlet. *Shakespeare Online*. (Trabalho original publicado c. 1600) <https://tinyurl.com/yutsx8hp>

EDITORA

Berta Hoffmann Azevedo

EDITORA ASSOCIADA

Cláudia Amaral Mello Suannes

EQUIPE EDITORIAL

Ana Paula de Oliveira Marques, Bruno Profeta Guimarães Figueira, Camila Paiva Petean
Danesi Rossi, Cristiana Tiradentes Boaventura, Denise Salomão Goldfajn, Leda Maria
Codeço Barone, Ligia Bruni Queiroz, Ludmila Y. Mafra Frateschi, Luiz Moreno Guimarães
Reino, Ricardo Biz, Silvana Rea